

ANÁLISE FUNCIONAL DOS CONECTORES *EM VEZ DE* E *AO INVÉS DE* NO PORTUGUÊS BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO

Ivo da Costa do Rosário¹
Idrissa Ribeiro Novo²

RESUMO

À luz da Linguística Funcional Centrada no Uso, o presente trabalho visa a descrever as principais propriedades morfossintáticas e semântico-pragmáticas das construções conectoras *em vez de* e *ao invés de*, no português brasileiro contemporâneo. A análise de ambas as construções permite a conclusão de que esses conectores veiculam o valor de substituição, e não apenas de oposição, como tentam evidenciar as abordagens tradicionais.

Palavras-chave: *Em vez de*, *ao invés de*, conectores

ABSTRACT

Based on Usage-Based Functional Linguistics, the present work aims to describe the main morphosyntactic and semantic-pragmatic properties of constructions *em vez de* and *ao invés de*, in contemporary Brazilian Portuguese. An analysis of both constructions allows one to conclude that these connectors convey the value of substitution, not just opposition, as traditional approaches try to defend.

Keywords: *Insted of*, *rather than*, connectors

1 Docente do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal Fluminense e docente credenciado no Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense. E-mail: rosario.ivo3@gmail.com

2 Doutoranda no Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da Universidade Federal Fluminense. E-mail: idrissa_novo@hotmail.com

Considerações Iniciais

As gramáticas normativas e os manuais de redação insistem que a diferença entre *em vez de* e *ao invés de* é que o primeiro significa *no lugar de* ao passo que o segundo significa *ao contrário de*. No uso real da língua, isso se sustenta? A distinção entre uma expressão e outra se resume a essa questão?

A pesquisa aqui desenvolvida, com base no aparato teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso (doravante, LFCU), tem o objetivo de apresentar uma breve descrição das propriedades morfossintáticas e semântico-pragmáticas das construções conectoras *em vez de* e *ao invés de*, o que certamente vai muito além do que indicam as obras anteriormente citadas. Vejamos um exemplo de cada conector:

(01) O filósofo Gilles Deleuze falava de a arte e de a resistência como sendo uma luta de os homens contra a morte. Klotz acredita que esta ideia está em o cinema também, embora esteja em processo de desaparecimento porque a indústria cinematográfica está se tornando muda e cega, e que o espectador acabou perdendo a palavra. O público de hoje consome os filmes, **em vez de** ser liberado por as palavras de estes. Por isso o diretor gosta de filmes polêmicos, que forcem as pessoas a debater, liberando assim a palavra. Para ele, a maldição é passar esta ideia de que as pessoas não têm mais importância. (GBR <http://35.mostra.org/jornal-da-mostra/as-questoes-humanas-de-nicolas-klotz-%E2%80%93-1/>)

(02) Quando começo a escrever deixo de ser dono de mim mesmo. Fico à mercê de idéias que nunca pensei. Elas aparecem sem que eu as tenha chamado e me dizem: “« Escreva! “ Não tenho outra alternativa. Obedeço. Cummings, referindo-se a um livro seu, **ao invés de** dizer “« quando eu escrevi esse livro “», disse “« quando esse livro se escreveu “». Não foi ele... O livro já estava escrito antes, em algum lugar. Ele só fez obedecer a as ordens que o livro lhe deu. Nikos Kazantzakis, autor de Zorba, o Grego, confessou que as letras de o alfabeto o aterrorizavam. E isso porque, uma vez soltas, elas se recusavam a obedecer as suas ordens. “« As letras são demônios astutos e desavergonhados -- e perigosos – uma coisa pela outra. (GBR. <http://abmesduca.com/?p=6449>)

Conforme podemos observar inicialmente, os conectores aqui apresentados veiculam a noção de substituição, visto que o evento introduzido por essas expressões é substituído pelo evento que, efetivamente, está na oração matriz. Assim, *a priori*, não há diferença no uso de um ou outro conector.

O interesse por esse tema deve-se ao fato de que, de uma maneira geral, poucos são os estudos sistemáticos disponíveis sobre esses elementos na literatura especializada. Em uma análise preliminar, é possível observar que ambos os conectores instanciam a noção de substituição, mas as ideias de oposição e preferência também estão presentes, mesmo que de forma subsidiária.

Após essas breves considerações iniciais, partimos para uma segunda seção, que se dedica a

apresentar a fundamentação teórica da pesquisa, que se sustenta basicamente em dois pontos: na LFCU e na Gramática de Construções. Em seguida, são explicitados os pressupostos metodológicos do trabalho. O quarto tópico refere-se a uma sucinta revisão da literatura, na tentativa de evidenciar propostas que tratem do assunto aqui discutido. Na seção seguinte, propomos uma análise de alguns dados investigados durante o período de coleta. Por fim, apresentamos as considerações finais da pesquisa.

2. Fundamentação Teórica

Nesta seção, elucidamos os pressupostos teóricos que norteiam a pesquisa, a qual é vinculada a uma perspectiva funcionalista, focada no intuito de discutir a gramaticalidade dos conectores *em vez de* e *ao invés de*. Na seção 2.1, apresentamos brevemente os pontos principais da LFCU. Em seguida, na seção 2.2, destacamos alguns aspectos da Gramática de Construções. Como já afirmado anteriormente, esses dois pontos dão sustentação teórica à investigação realizada.

2.1. Linguística Funcional Centrada no Uso

A abordagem configurada como Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) é o resultado das pesquisas empreendidas pelos estudiosos da Linguística Funcional Clássica e da Linguística Cognitiva. Para a primeira, há uma constante interação entre gramática e discurso e, por isso, a gramática está em constante processo de mudança em consequência das peculiaridades do discurso. A segunda, por sua vez, procura compreender de que maneira o comportamento linguístico reflete as capacidades cognitivas que dizem respeito ao processo de categorização, levando em consideração as experiências humanas no contexto das atividades individuais, sociointeracionais e culturais.

Essas duas correntes compartilham pressupostos teórico-metodológicos, dentre os quais se destacam:

(...) rejeição à autonomia da sintaxe, incorporação da semântica e da pragmática às análises, a não distinção estrita entre léxico e gramática, a relação estreita entre a estrutura das línguas e o uso que os falantes fazem delas nos contextos reais de comunicação, o entendimento de que os dados para a análise linguística são enunciados que ocorrem no discurso natural (...) (CEZARIO; CUNHA: 2013, p. 14)

Compreendemos, portanto, a partir da simbiose entre as duas abordagens, que a gramática é a representação cognitiva da experiência dos indivíduos com a língua e, por isso, pode ser afetada pelo uso linguístico. Desta maneira, o conhecimento do mundo e o conhecimento linguístico seguem padrões semelhantes, pois a categorização conceptual e a categorização linguística são análogas.

Para a LFCU, a estrutura da língua emerge na medida em que ela é usada, diferentemente do que preconizam os estudos formalistas da língua(gem). As práticas discursivas, no cotidiano, motivam a instabilidade linguística, assim como a sua aparente regularidade. Desse modo, é necessário considerar as funções semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas dos fatos da língua em análise. Com relação a esse último aspecto, fica claro que os estudos em LFCU devem sempre considerar o papel que as construções analisadas desempenham nos contextos reais de comunicação.

De acordo com Oliveira e Rosário (2016, p. 4), essa é uma das maiores conquistas deste ‘casamento teórico’, já que “a pesquisa funcionalista tem se voltado para o tratamento da dimensão contextual dos usos linguísticos”.

Traugott e Trousdale (2013) e Traugott (inédito; 2012) (...) assumem que ambiguidade pragmática e polissemia, consideradas fundamentais para a deflagração de estágios iniciais de mudança, devem ser investigadas justamente a partir da análise da dimensão contextual, seja em nível oracional ou ainda em termos mais amplos, a depender do tipo e da natureza do objeto de pesquisa. (OLIVEIRA; ROSÁRIO, 2016, p.4)

De fato, o uso é força-motriz da mudança linguística. É na interação verbal que os significados são negociados e mudanças ocorrem. É no uso que ocorre o clássico jogo da sistematização e da regularização *versus* liberdade e autonomia, visto que fatores de natureza pragmático-comunicativa são tanto responsáveis pela regularização como pela atualização da gramática.

Ainda segundo Fried (2008) *apud* Rosário e Oliveira (2015, p. 39), “a força dos fatores externos à língua motiva mudanças na compreensão dos falantes e também os incita à busca de formas mais expressivas, que carregam novas nuances semânticas e pragmáticas”, além de fatores cognitivos, experienciais, perceptuais.

Assim, quando ocorre essa negociação de significados, pode surgir também um contexto de

ambiguidade pragmática, acarretando os processos de subjetivação e intersubjetivação (ROSÁRIO; OLIVEIRA, 2015, p. 40).

O processo de subjetivação está atrelado à necessidade de, no discurso, o emissor ser informativo e de o receptor selecionar a interpretação mais relevante. Em outras palavras, é um processo de base metonímica, em que o emissor recruta sentidos para que ele seja compreendido facilmente e, por isso, está atrelado ao princípio de economia linguística.

Para Traugott e Dasher (2005, p.31), a subjetivação, de alguma maneira, envolve a intersubjetivação, “que é justamente a utilização de recursos linguísticos para atuação sobre o interlocutor, com vistas à sua adesão ou anuência ao que é declarado” (ROSÁRIO E OLIVEIRA, 2015, p. 40).

Diante da necessidade de ser informativo e de chamar a atenção do seu interlocutor, o emissor busca ser o mais criativo possível. Por isso, há formas que apresentam funções aparentemente iguais, como é o caso das construções conectoras *em vez de* e *ao invés de*, ambas atreladas à noção de substituição.

Com base nesses postulados, pretendemos investigar os mencionados conectores em contextos reais de produção, para que compreendamos em que medida tais contextos contribuem para a emergência dessas construções.

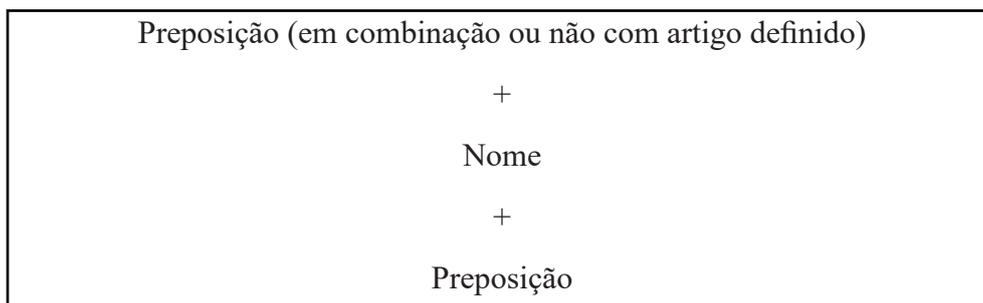
2.2. Gramática de construções

Uma das contribuições mais caras à LFCU foi a compreensão de que a língua é uma rede de construções. Construções são as unidades básicas da língua, as quais, por sua vez, instanciam-se a partir do pareamento entre forma e significado. Nessa perspectiva, cabe esclarecer três conceitos basilares: composicionalidade, produtividade e esquematicidade.

A composicionalidade diz respeito à integralidade ou falta de integralidade dos itens que constituem uma construção. Com relação ao objeto deste artigo, as construções em análise são

constituídas pelos elementos explicitados no quadro a seguir.

Quadro 1 – Composição dos conectores *em vez de* e *ao invés de*



Fonte: Os autores, 2018.

Vale destacar que os usuários da língua não interpretam as construções *em vez de* e *ao invés de* como um somatório de itens. Ao contrário, a combinação descrita no quadro acima é interpretada como um verdadeiro *chunk* e, por conta disso, dizemos que os itens constituintes perderam composicionalidade. Tal processo é responsável pela formação de estruturas mais complexas a partir de sequências de elementos que coocorrem, visto que os usuários da língua interpretam sequências repetidas como uma única unidade.

Segundo Bosque e Demonte (2004, p. 581), dentro de uma perspectiva teórica clássica, a estrutura [[P+N+P] [TERMO]] “representa o mais alto grau de gramaticalização ou lexicalização”³, dentre o grupo em que se inclui a maior parte das locuções prepositivas.

Ainda de acordo com os autores, o mais alto grau de gramaticalização de locuções prepositivas é definido 1) pela impossibilidade de o nome que forma esse tipo de locução dar lugar a outro sintagma nominal; 2) pela fixidez dos elementos constituintes, 3) pela impossibilidade de os componentes da locução serem separados pela inserção de um modificador; e 4) por possuir um comportamento semelhante ao das preposições. De fato, todas essas propriedades estão presentes nas construções conectoras aqui estudadas.

Quando falamos em produtividade, fazemos alusão à questão da frequência. Assim, quanto mais produtiva é uma construção, mais ela tende a se cristalizar, a constituir um *chunk*, e tende a perder sua composicionalidade. De maneira geral, verificamos que, no *corpus* pesquisado, a construção conectora *em vez de* é bem mais frequente do que as ocorrências com o conector *ao invés de*.⁴

3 “La estructura representa el grado más alto de gramaticalización o lexicalización”

4 A coleta de dados foi realizada no site *Corpus do Português*, por meio de ferramenta de busca que reuniu um total de 39.675 ocorrências de *ao invés de* contra 76.278 ocorrências de *em vez de*.

Essa observação encaminha uma importante hipótese: o vocábulo *invés* provavelmente deriva de uma redução fonológica de *em vez*, já que a noção de substituição atribuída em geral a este conector também se verifica naquele.

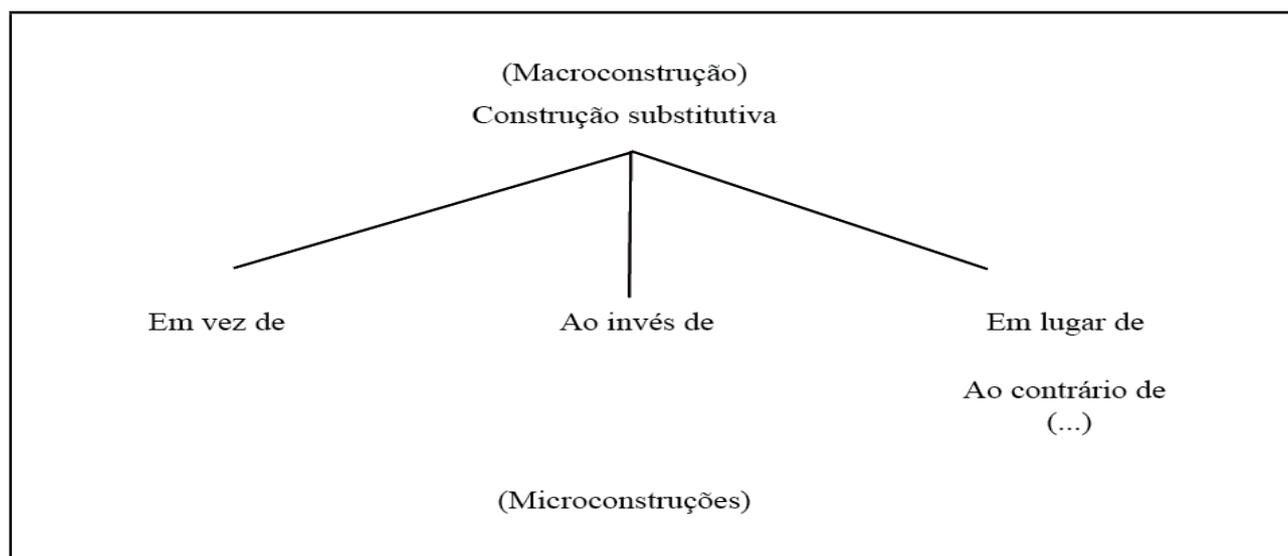
Essa hipótese ainda precisa ser investigada mais a fundo, com cautela, de modo que, por ora, ainda a tratamos como conjectura. É necessário avançar a pesquisa, especialmente no campo diacrônico, para que essa questão seja verificada empiricamente.

Por fim, a esquematicidade relaciona-se ao conceito de abstratização. De acordo com Rosário e Oliveira (2016, p. 10), “há construções bastante esquemáticas e abstratas, como há construções pouco ou medianamente esquemáticas. Tal gradiência tem a ver com os níveis de generalidade ou especificidade da construção”.

Assim, as construções são definidas conforme o nível de esquematicidade. Esquemas altamente abstratos são chamados de macroconstruções, enquanto grupos mais específicos, com comportamentos sintáticos e semânticos similares, pertencem ao nível das mesoconstruções. As construções individuais, por sua vez, são classificadas como microconstruções. Cada instanciação de uma microconstrução na língua é chamada de construto.

Defendemos que as construções conectoras *em vez de* e *ao invés de* fazem parte do esquema abstrato da *substituição*, conforme a representação a seguir:

Quadro 2 – Hierarquia construcional da construção substitutiva



Fonte: Os autores, 2018.

O quadro 2 é uma tentativa de representação do esquema da substituição⁵, que pode sancionar, dentre outras microconstruções, os conectores *em vez de* e *ao invés de*, objetos de estudo deste artigo.

Todos os três princípios – composicionalidade, esquematicidade e produtividade - contribuem para os estudos de mudança linguística em abordagem construcional, visto que, neste sentido, não se pretende mais realizar uma pesquisa baseada apenas nos itens da língua, mas em construções inseridas em contextos reais de uso.

A seguir apresentamos uma breve discussão acerca da articulação de orações e, mais especificamente, traçamos um parâmetro de tratamento das construções conectoras *em vez de* e *ao invés de* na literatura consultada.

3. Revisão da Literatura

No âmbito da abordagem tradicional, apenas coordenação e subordinação são apontadas como processos de articulação de orações na análise dos períodos compostos. Desta forma, orações de naturezas distintas são alocadas no mesmo arcabouço, desconsiderando-se as suas peculiaridades, assim como ocorre, por exemplo, com o grupo das orações subordinadas substantivas, adjetivas e adverbiais.

Uma das propostas mais clássicas, no campo dos estudos funcionalistas, para o campo da articulação de orações, é a desenvolvida por Hopper e Traugott (1993). Ao considerarem que há, na verdade, vários processos de combinação de orações, Hopper e Traugott (1993) propõem um *cline* de gramaticalização de orações, com base na proposta de Givón (1990, p. 826), para quem “quanto mais dois eventos/estados são integrados semanticamente ou pragmaticamente, mais as orações que os codificam estarão integradas gramaticalmente”.

Vejamos, a seguir, como Hopper e Traugott (1993, p. 170) representam a integração de orações a partir de graus de dependência e encaixamento, revelando uma postura menos rígida em relação à categorização oracional.

5 No esquema apresentado, não estão apontadas *mesoconstruções*. Como afirmam Teixeira e Rosário (2016, p. 147), “nem todos os fenômenos linguísticos são fácil e elegantemente esquematizados em três níveis: esquema, subesquema e microconstrução”. Logo, nesta pesquisa, optamos por representar apenas os níveis macro e micro.

Quadro 3 – Cline de integração oracional segundo Hopper e Traugott (1993)

| | | | | |
|-------------|---|-------------|---|--------------|
| Parataxe | > | Hipotaxe | > | Subordinação |
| -dependente | | +dependente | | +dependente |
| -encaixado | | -encaixado | | +encaixado |

Fonte: Hopper e Traugott (1993, p.170)

De acordo com os autores, no modo paratático, duas ou mais orações constituem núcleos independentes, relacionados entre si por meio de inferências, caracterizando, portanto, uma independência relativa, já que a integração é marcada mais em termos semântico-pragmáticos do que em termos de junção. Aqui se inserem as orações justapostas e as coordenadas.

No modo hipotático, por sua vez, há interdependência entre as orações que constituem uma cláusula. Uma oração constitui um núcleo, ao qual se ligam as outras orações que, embora não façam parte do escopo da oração núcleo, não podem “suportar a si mesmas”. As orações hipotáticas estão em uma relação de adjunção em relação à oração núcleo, visto que a oração marginal não se encontra inserida na oração núcleo e, portanto, não funciona como um de seus constituintes. Nesse grupo, estão reunidas as orações relativas apositivas e as adverbiais (da gramática tradicional).

A subordinação, por fim, também conhecida como “encaixamento”, representa a dependência completa, na qual a encaixada está inserida como um constituinte da oração matriz. As orações relativas restritivas e as completivas costumam ser incluídas nesse grupo.

Defendemos que as construções conectoras *em vez de* e *ao invés de* instanciam estruturas de hipotaxe, devido aos seus traços de [+ dependência; - encaixamento]. Apesar de o quadro oracional de gramáticas tradicionais (ROCHA LIMA, 2011; BECHARA, 2009; CUNHA; CINTRA, 2007) não incluir esse tipo de estrutura, postulamos que elas são produtivas no português do Brasil, na função de veicular o valor semântico de substituição.

No que se refere aos conectores pesquisados, o quadro a seguir ilustra o tratamento dado a eles nas gramáticas investigadas:

Quadro 4 – Sistematização das construções conectoras *em vez de* e *ao invés de* nas gramáticas investigadas

| | |
|-----------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Azeredo (2010) | Menciona <i>em vez de</i> como locução prepositiva, a qual apresenta o valor semântico de contraste, substituição ou preterição. No paradigma das orações adverbiais, o autor faz uma observação a respeito desse conector: “Com <i>em vez de</i> pretere-se ou descarta-se algo” (<i>op. cit.</i> , p. 336). <i>Ao invés de</i> não é citado. |
| Bechara (2009) | Assevera que <i>em vez de</i> é uma locução prepositiva, porém, na seção destinada à descrição das preposições, não explicita a relação semântica instanciada por essa locução. No entanto, ao tratar dos determinantes circunstanciais ou adverbiais (<i>op.cit.</i> , pp. 447-448), retoma a locução prepositiva <i>em vez de</i> como um dos introdutores do adjunto adverbial de substituição, troca ou equivalência. Novamente <i>ao invés de</i> não é mencionado. |
| Cunha e Cintra (2007) | Apenas mencionam que <i>em vez de</i> é uma locução prepositiva. |
| Ilari e Neves (2008) | Afirma que as locuções prepositivas, de maneira geral, são consideradas como construções. Em especial, observam um mesmo processo de formação para as construções destacadas, conforme se verifica nas páginas 792 e 793: preposição - nome - preposição . Ressaltam que tais unidades estão parcialmente gramaticalizadas e que o substantivo constituinte é, em geral, uma palavra de significação relacional e abstrata. |
| Neves (2011) | <p>No capítulo dedicado à junção, destaca as construções “a + nome + preposição (tradicionalmente locução prepositiva)”. Embora <i>ao invés de</i> não seja mencionado, encaixa-se no paradigma descrito. Não se explicita a relação semântica evidenciada talvez por conta da diversidade semântica das construções descritas.</p> <p>Neves (2011) menciona a construção <i>em vez de</i>, evidenciando que construções do tipo em + nome + preposição expressam, dentre outras noções, a noção de substituição.</p> |

| | |
|-------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Rocha Lima (2011) | Não menciona as construções conectoras estudadas no quadro das locuções prepositivas e, portanto, não apresenta nenhum tipo de descrição dos conectores em foco. |
|-------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|

Fonte: Os autores, 2018.

É válido ainda destacar que Rocha Lima (2011) e Cunha e Cintra (2007) preservam a visão tradicional de que a preposição/locução prepositiva tem por função subordinar um elemento da oração a outro elemento. Bechara (2009, p. 296) prescreve também que “a preposição não exerce outro papel que não seja ser índice da função gramatical do termo que ela introduz”. Os gramáticos citados, porém, reconhecem o valor semântico estabelecido pelas preposições/locuções prepositivas.

Azeredo (2010), por sua vez, expõe duas noções não reconhecidas pelas gramáticas tradicionais no que se refere ao paradigma dos valores semânticos que emergem, nos termos do autor, das orações adverbiais: preferência e substituição. Essa observação é evidenciada por Neves (2011), quando a linguista se refere ao mesmo conector.

Conforme se verifica, ainda há que se empreenderem outras análises a respeito das construções conectoras *ao invés de* e *em vez de*. Na seção a seguir, são apresentados os pressupostos metodológicos adotados para a realização da pesquisa e, em seguida, a análise dos dados.

4. Pressupostos Metodológicos

O *corpus* desta pesquisa é formado pelas 100 primeiras ocorrências de cada conector estudado, extraídas do *Corpus do Português*, o qual pode ser acessado por meio do link www.corpusdoportugues.org. O *Corpus do Português*, organizado por Davies e Ferreira, atualmente apresenta duas interfaces de pesquisa.

A interface mais antiga é constituída por mais de 45 milhões de palavras dos anos 1200 a 1900, e pode ser usada para verificar a história do Português. Para o século XX, é dividida igualmente entre gêneros de estilo falado, ficção, jornais e textos acadêmicos ⁶.

Neste artigo, propomos a análise do comportamento linguístico das mencionadas construções conectoras no século XXI, no Português do Brasil. Para tanto, utilizamos apenas os dados presentes na segunda interface dos *Corpora*, os quais estão integralmente disponíveis nos *links* de acesso aos

⁶ Texto informado pelo sítio do *Corpus do Português*.

blogs de onde foram extraídos. Trata-se, portanto, de uma pesquisa sincrônica, centrada em investigar as construções conectoras substitutivas no português brasileiro contemporâneo.

É necessário também esclarecer que as ocorrências receberam um tratamento predominantemente qualitativo, visto que, por ora, não interessam os dados estatísticos para o escopo deste trabalho⁷.

Na próxima seção, analisamos alguns contextos em que tais conectores se apresentam e discutimos, com base no aparato teórico da LFCU, os valores semântico-pragmáticos instanciados por eles.

5. Análise

De acordo com o que já foi enunciado, nosso trabalho centra-se na análise das 100 primeiras ocorrências de cada conector (*em vez de* e *ao invés de*), com base no *Corpus do Português*. Por limitação de espaço, embora a pesquisa, de maneira geral, tenha sido realizada com base na análise de um escopo mais amplo, neste artigo, apresentamos apenas alguns exemplos.

Kortmann (1997, p. 88) propõe que *em vez de* evidencia uma noção de substituição. O autor afirma que, nessa relação, há dois possíveis eventos alternativos: *p* e *q*. *Q* acontece ou é realizado, embora *p* fosse esperado; *q*, portanto, substitui *p*. De fato, tal proposta se confirma em alguns contextos, como os abaixo destacados:

(03) Quando o sujeito vira “« crítico “», transforma em obrigação o que antes era prazer. **Em vez de** dar-se a o prazer de ver um filme, ou ouvir um disco, ele passa a ter a obrigação de ver filmes, ouvir discos -- e escrever sobre aquilo. Se vira obrigação, deixa de ser prazer. Mas esse duro e nada prazeroso ofício tem um aspecto gratificante. É quando você fala bem de um artista novo, ainda não consagrado. “« Crítico “», em geral, adora falar mal, meter o pau, esculachar. (GBR <http://50anosdetextos.com.br/1981/no-tempo-em-que-o-rumo-era-um-grupo-novo/>)

(04) Chega de saudade’: “« Elisete errou a letra. **Em vez de** cantar ‘para acabar com esse negócio de você viver sem mim’, cantou ‘pra acabar com esse negócio de jamais viver sem mim’ -- que não sei como os autores deixaram passar. O disco, aliás, só não é perfeito por causa de ‘Chega de saudade’ e de o baião ‘Vida bela’. Mas é uma alegria ouvir- lo agora como será de aqui a 100 anos. (GBR <http://acervo.revistabula.com/categoria/musica>)

7 Como as construções são utilizadas de forma intercambiável, ainda não foram encontradas evidências suficientes para um tratamento significativo dos dados estatísticos.

Podemos depreender desses dois exemplos os seguintes esquemas:

Expectativa (3) = dar-se ao prazer de ver um filme ou ouvir um disco

SUBSTITUI-SE POR

Contraexpectativa (3) = obrigação de ver filmes, ouvir discos – e escrever sobre aquilo.

Expectativa (4) = cantar para acabar com esse negócio de você viver sem mim

SUBSTITUI-SE POR

Contraexpectativa (4) = cantou pra acabar com esse negócio de jamais viver sem mim.

Desta maneira, o enunciador prepara a expectativa do interlocutor na oração iniciada por *em vez de*, mas quebra essa expectativa no momento seguinte, na segunda oração. É essa quebra de expectativa que, por vezes, aponta para uma relação de oposição. Acreditamos, no entanto, que, nos casos apresentados, a relação de substituição, na verdade, seja a preponderante e superordenada.

É necessário, neste momento, relembrar que, segundo Azeredo (2010), o conector *em vez de* não apenas evidencia uma noção de substituição, mas também de preferência. Tal aspecto, entretanto, não é apontado por Kortmann (1997), para quem esse valor semântico é próprio das orações instanciadas por *ao invés de*⁸.

Uma vez que nosso estudo é realizado com base em dados empíricos do português brasileiro contemporâneo, em nossas análises, percebemos, assim como Azeredo (2010), que o valor de preferência também emerge das orações iniciadas por *em vez de*, conforme os exemplos abaixo enumerados.

(05)“« Se quiser recuperar- se “», disse uma mulher de A.=A., “« aceite o tratamento, siga as instruções e continue vivendo. É fácil, se você se lembrar de os novos fatos a respeito de sua saúde. Quem é que tem tempo de sentir- se diminuído ou lamuriar- se, quando há

8 Com base no estudo de gramáticas padrão de oito línguas (inglês, alemão, francês, latim, grego clássico, grego moderno, abkházia e georgiano), Kortmann (1997, 81) organiza os subordinadores adverbiais em um conjunto de 32 relações interclausais, dentre as quais se encontram a substituição – representada por *instead of* – e a preferência – representada por *rather than*. No inglês, o contexto de uso dos dois conectores é mais marcado do que no português brasileiro contemporâneo, na qual se nota um uso intercambiável das duas construções conectoras.

tantas delícias relacionadas com uma vida feliz, sem temor de a doença? “ Resumindo, lembramos que temos uma enfermidade incurável, potencialmente fatal, chamada alcoolismo. E, **em vez de** continuar bebendo, **preferimos** planejar e usar novas maneiras de viver sem o álcool. Não precisamos ter vergonha de sofrer de uma doença. Não é nenhuma desgraça. Ninguém sabe exatamente porque certas pessoas se tornam alcoólicas e outras não. Não temos culpa. Não quisemos ser alcoólicos. Não tentamos contrair esta doença. Afinal de contas não sofremos de alcoolismo só por gostar de isso. Não nos propusemos, com malícia e deliberação a fazer coisas de as quais nos envergonharíamos depois. (GBR <http://aabr.com.br/ver.php?id=148&secao=8>)

(06) O Sol está longe de ser um alimento, por isso não se encaixa exatamente em a lista acima. No entanto, ele tem um papel tão importante para a saúde de o seu cérebro que não pode ficar de fora de a sua rotina. **Em vez de** passar horas trancado em o quarto ou em uma biblioteca para tentar absorver ao máximo os conteúdos aprendidos em a escola ou em a faculdade, **prefira** dedicar alguns minutos para tomar sol. Pode parecer estranho, mas é fundamental entrar em contato com os raios solares em os horários adequados para garantir a presença de vitamina D em o seu organismo. (GBR <http://102fmmatal.com.br/site/?p=6164>)

Nesses casos, é possível deprendermos outros dois esquemas:

Contraexpectativa (5) = planejar e usar novas maneiras de viver sem álcool

É PREFERÍVEL A

Expectativa (5) = cães beberem a água do bebedouro

Contraexpectativa (6) = dedicar alguns minutos para tomar sol

É PREFERÍVEL A

Expectativa (6) = passar horas trancado em o quarto ou em uma biblioteca para tentar absorver ao máximo os conteúdos aprendidos em a escola ou em a faculdade

Observa-se que, nesses dois exemplos, a noção de preferência é fortemente evidenciada pelo verbo *preferir*, presente nas duas situações descritas. De todo modo, verificamos que a noção de substituição está ainda vinculada à de preferência.

No âmbito contextual, percebemos que, em se tratando de um jogo argumentativo, alguns termos auxiliam a opinião do enunciador. No exemplo (5), a oração iniciada pelo conector *em vez de* veicula uma polaridade negativa, já que indica o que não deve ser feito. Tal polaridade é evidenciada por termos de orientação negativa, como o advérbio *não* e o pronome *ninguém*.

Os verbos no modo imperativo, além da construção *é fundamental* na ocorrência (6), também cumprem a função de orientar o leitor para “o que não deve ser feito”. Assim, não é apenas a construção substitutiva que traz a noção de substituição, tampouco o conector em si, mas toda porção textual argumentativa.

Quanto ao conector *ao invés de*, Lopes e Souza (2014) apontam que ele ocorre em diferentes contextos sintáticos, sinalizando duas relações discursivas distintas: comparação contrastiva e substituição. Analisemos os dois exemplos que seguem.

(07) A grande polêmica, se é que vai ter polêmica, está intimamente ligado a o ST. É o anseio de muita gente dentro de o clube, é importante e tem que ser considerada. O grupo de estudos **ao invés de** 18, será composto por 23 conselheiros, além de o presidente e vice de o CD. As reuniões acontecerão quinzenalmente, para debater e examinar propostas e sugestões de os conselheiros. Os conselheiros não foram nomeados, buscaram contemplar todas as tendências políticas de o clube. (GBR <http://3vv.com.br/2013/05/pingado-29-05-2013-turiassu1840-e-o-que-andam-falando/>)

(08) A vitimização e raiva se manifestarão dia após dia. Em outras palavras, a energia de o fóton trabalhará com nossas intenções e se você não estiver alinhado e certo de essas intenções... já viu. Energia fotônica conecta nossos pensamentos, por isso, é importante que saibamos o que queremos, **ao invés de** o que não queremos, caso contrário, a manifestação de os seus desejos se materializará, então, cuidado com o que deseja! (GBR <http://2012fimdostempos.blogspot.com/>)

Nesses dois exemplos, também emerge a noção de substituição, explícita de uma maneira mais clara do que a que se evidencia nas orações instanciadas por *em vez de*:

Expectativa (7): Grupo de estudos composto por 18 conselheiros

SUBSTITUI-SE POR

Contraexpectativa (7): Grupo de estudos composto por 23 conselheiros

Expectativa (8): Importante saber o que não queremos

SUBSTITUI-SE POR

Contraexpectativa (8): Importante saber o que queremos

No que se refere à ideia de comparação contrastiva, podemos observar que não se trata de algo

muito frequente. De fato, dentre as cem primeiras ocorrências, encontramos poucos exemplos, dentre os quais destacamos os que seguem abaixo:

(09) Discutir a relação É importante saber o motivo de a sua relação não estar indo bem, porém você não deve forçar o seu companheiro a ficar falando de seus sentimentos. Os homens preferem demonstrar o que sentem, **ao invés de** ficar falando a todo o momento. Vasculhar seus telefones Algo que incomoda os homens é dom de a espionagem de as mulheres, muitas, quando estão desconfiadas, acabam vasculhando os bolsos, carteiras, perfis de redes sociais, telefones, agenda, de entre outros pertences de o marido ou namorado. (GBR <http://007blog.net/quais-atitudes-femininas-que-fazem-um-homem-desistir-do-relacionamento/>)

(10) Fato é que a oposição resolveu se mexer e levantar a campanha de o “« não a a ditadura “». Para conseguir virar o jogo, contratou o publicitário René Saavedra, representado por o ótimo ator mexicano Gael García Bernal (também de Amores Brutos, Diários de Motocicleta, Babel, Ensaio sobre a Cegueira), que deu cara nova a a linguagem que seria usada para convencer as pessoas a se manifestarem contra o status quo. **Ao invés de** adotar uma campanha pessimista, mostrando o drama de as famílias de os desaparecidos, os conflitos entre manifestantes e polícia, Saavedra propõe como mote de campanha a alegria, o otimismo, a linguagem familiar. (GBR <http://2001video.empresarial.ws/blog/?p=9763>)

Negativo (9): ficar falando a todo o momento

SUBSTITUI-SE POR

Positivo (9): mostrar o que sentem

Negativo (10): adotar uma campanha pessimista

SUBSTITUI-SE POR/ É PREFERÍVEL A

Positivo (10): Saavedra propõe como mote de campanha a alegria, o otimismo, a linguagem familiar.

Comparam-se, no exemplo (9), os comportamentos feminino e masculino. É possível verificar o realce que se estabelece para o comportamento masculino, pois é esta a informação veiculada em primeira instância. Em segundo plano, representa-se o comportamento feminino pela imagem “ficar falando a todo momento”.

O exemplo (10), que também apresenta uma comparação contrastiva, coloca em competição duas possíveis atitudes a serem tomadas diante da campanha “Não à ditadura”: a considerada

pessimista é descartada, sendo eleita a considerada mais otimista.

Considerações Finais

Neste trabalho, procuramos traçar, à luz da LFCU, um panorama dos conectores *em vez de* e *ao invés de*, analisando algumas ocorrências coletadas no *Corpus do Português*. A escassa literatura disponível acerca dessas construções revela a necessidade de uma descrição do fenômeno linguístico, o qual possui considerável produtividade no português brasileiro contemporâneo.

Há uma empírica evidência, no *corpus* analisado, de que a construção conectora *em vez de* é mais produtiva do que *ao invés de*. Acreditamos que isso ocorra por conta de *invés* provavelmente derivar de *em vez*. Essa derivação faz com que ambos sejam intercambiáveis na veiculação da ideia de substituição. De fato, o postulado tradicional de que *ao invés de* significa *ao contrário de* e que *em vez de* significar *no lugar de* não se sustenta no português em uso.

Além disso, constatamos a existência de três valores semântico-pragmáticos que emergem do uso dos conectores em foco, quais sejam: a substituição, a preferência e a comparação contrastiva. Essas funções estão atreladas à noção semântica mais geral e básica de substituição.

Dada a quantidade de questionamentos apresentados, percebe-se que a riqueza desse fenômeno não pode extinguir-se em uma análise com poucas laudas. Pretendemos, dessa forma, retomar este assunto em trabalhos posteriores, já que acreditamos na real contribuição da pesquisa para os estudos linguísticos, admitindo a existência do valor de substituição no rol das orações hipotáticas.

REFERÊNCIAS

- Azeredo, J. C. (2010). *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. 3. ed. São Paulo: Publifolha.
- Bechara, E. (2009). *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bosque, I. & Demonte, V. (2004). *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. Madrid: Espasa.
- Cezario, M. M.; Furtado da Cunha, M. A. (Orgs). (2013). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. 1.ed. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ.

Cunha, C. & Cintra, L. F. L. (2007). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Informática.

Davies, M.; Ferreira, M. (2016). *Corpus do Português*. Disponível em: <http://www.corpusdoportugues.org>.

Fried, M. (2008). Constructions and constructs: mapping a shift between predication and attribution. *Constructions and language change*. Berlin and New York: Mouton de Gruyter, pp. 47-79.

Givón, T. (1990). *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam: John Benjamins.

Gonçalves, S. C. L.; Lima-Hernandes, M. C.; Casseb-Galvão, V. C. (Orgs.). (2007). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação – Em homenagem a Maria Luiza Braga*. São Paulo: Parábola Editorial.

Goldberg, A. (1995). *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press.

Ilari, R. & Neves, M. H. (Orgs.). (2008). *Gramática do Português Culto Falado no Brasil: classes de palavras e processos de construção*. São Paulo: Editora da UNICAMP.

Kortmann, B. (1997). *Adverbial Subordination: a typology and history of adverbial subordinators based on European languages*. Berlin/ New York: Mouton de Gruyter.

Lopes, A. C. M. & Sousa, S. (2014). The discourse connectives *ao invés* and *pelo contrário* in contemporary European Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

Martelotta, M. E.; Votre, S. J.; Cezário, M. M. (1996). *Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

Neves, M. H. M. (2011). *Gramática de usos do português*. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp.

Oliveira, M. R.; Rosário, I. C. (Orgs.). (2015). *Linguística centrada no uso – teoria e método*. 1.ed.

Rio de Janeiro: Lamparina, FAPERJ.

Rocha Lima, C. H. (2011). *Gramática normativa da língua portuguesa*. 45. ed. Rio de Janeiro: José Olympio.

Rosário, I. C.; Oliveira, M. R. (2016). Funcionalismo e abordagem construcional da gramática. *Alfa: Revista de Linguística* (UNESP. Online), v. 60, pp. 233-259. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/alfa/v60n2/1981-5794-alfa-60-2-0233.pdf>.

Traugott, E. C.; Dasher, R. (2005). *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press.